




## ANA PLÁCIDO E AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO SÉCULO XIX, DE FABIO MARIO DA SILVA (2023)

[10.29073/naus.v6i2.845](https://doi.org/10.29073/naus.v6i2.845)

RECEÇÃO: 1 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 13 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 28 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Cátia Canedo , Universidade de Brasília, Brasil, [catia.canedo@hotmail.com](mailto:catia.canedo@hotmail.com).

Ana Plácido é uma escritora que viveu à margem do seu amante e cônjuge, Camilo Castelo Branco. Fernanda Cabral Dumas, ao lado de estudiosos camilianos, foi uma das primeiras críticas a pensar a obra de Plácido de maneira mais detalhada e acurada. Depois disso, seguiram-se muitos trabalhos individuais sobre a autora, como, por exemplo, os de Paulo Motta Oliveira, Cláudia Pazos Alonso, Adriana Mello Guimarães, Maria Eduarda Borges dos Santos, Conceição Flores e Andréia de Castro. Contudo, é a partir do livro de Fabio Mario da Silva, *Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX*, e diversos artigos esparsos publicados pelo professor e pesquisador, que a obra da escritora tem vindo a ser analisada com mais assiduidade e com maior profundidade.

A obra publicada por Silva, resultado do seu pós-doutorado realizado na Universidade de Lisboa, sob supervisão do camiliano Ernesto Rodrigues, é dividida em três partes. Na primeira delas, são discutidos alguns problemas em torno da mulher, das leis que as desprestigiavam e dos estereótipos de gênero que ajudaram a criar diversos preconceitos sobre o labor intelectual feminino, contribuindo para uma prática de gênero que valida certas posturas de opressão e de violência contra as mulheres em oitocentos. Para Silva, Ana Plácido aborda essas opressões nos seus textos ficcionais, apesar de algumas vezes aceitar com resignação o fim fatídico das mulheres, mas alerta as suas leitoras como tão opressoras são a sociedade e os homens que regem as leis, pois mantêm as mulheres sob jugo. Fabio Mario da Silva conclui, sobre esse primeiro capítulo, o seguinte:

*Ser mulher (mãe, esposa e senhora do lar) e ser escritora no século XIX são perfis femininos que entram em conflito, porque violam os padrões de família e de feminilidade para a época. [...] Ana Plácido também fala [...] dos problemas de género e da desvantagem social, no mundo burguês, que as mulheres possuem em relação aos homens. (2023, p. 45–46).*

Já o segundo capítulo vai versar sobre a formação educacional de Plácido, os tipos de leituras que realizou, a sua formação cultural burguesa, com ênfase na aprendizagem de línguas e de normas de comportamento feminino. Nesse sentido, evoca-se a biografia da autora, no período que foi perseguida e encarcerada, o que lhe inspirou a escrever narrativas nas quais as suas personagens femininas acabam por estar em ambientes de clausura e de isolamento. Neste capítulo, é revelado, pela primeira vez na crítica placidiana, um conto intitulado “Visões” e a sua respectiva análise, na qual o pesquisador concluiu, ao notar laivos do (ultrar) romantismo:

*Ana Plácido, devido à sua formação religiosa burguesa e à influência dos escritores românticos, acaba por assumir, através da sua personagem do conto “Visões”, um posicionamento contrário aos filósofos racionalistas, não deixando de antever uma outra concepção de filósofo, baseada na sua visão romântica: a do que vê além da vida terrena, do senso comum, um acalento para a alma, na concepção cristã de vida eterna do espírito. (2023, p. 78)*

O terceiro e último capítulo trata da problemática do adultério e da separação, num século no qual não existia o divórcio, revelando a desvantagem das mulheres, pois a maioria das personagens placidianas vivem casamentos infelizes. Por isso, na obra de Plácido, as suas personagens femininas acabam mortas nos finais das narrativas, porque



o modelo social burguês não comporta um padrão que não seja da mulher casada (através, muitas vezes, de casamentos arranjados e forçados com homens mais velhos e ricos), honesta e subserviente. É também objeto de análise a estrutura patriarcal e de temas tabus que Plácido refere, mesmo que sucintamente em sua obra, como o assédio (em *Aurora*) e o estupro (num texto publicado em *Luz coada por ferros* e dirigido ao amigo jornalista Júlio César Machado). Não se deixa de refletir também sobre a cumplicidade feminina e o seu reverso, a rivalidade, geralmente desencadeada pela disputa amorosa. Em suma, a prefaciadora da obra, professora da Universidade de Oxford, Cláudia Pazos Alonso, ressalta a importância desse estudo: “o presente trabalho de Fabio Mario da Silva tem o inegável mérito de se focar inteiramente nela, desta forma, não só evitando o risco de dispersão excessiva, mas também trazendo à tona novas achegas para o entendimento de uma obra emblemática.” (2023, p. 12). Assim, Fabio Mario da Silva torna-se o principal nome quando se pensa em estudar e entender a obra de Ana Plácido e a condição feminina no século XIX, trazendo novos olhares e perspectivas atuais sobre o combate ao machismo e a violência, mesmo que simbólica, contra as mulheres.

### REFERÊNCIAS

Silva, F. M. da. (2023). *Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX* (C. P. Alonso, Prefácio). EdUFRPE.

### DECLARAÇÃO ÉTICA

**CONFLITO DE INTERESSE:** Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.